

25 A: hoje e sempre



Cagamos para o Melo Antunes, para o Otelo e para o Vasco Lourenço. Se alguma coisa nos move em torno desta data não é a memória do capitão de Abril e do chaimite. Mas sim a de todas as pessoas que naquele dia saíram à rua, desobedecendo directamente às ordens difundidas pelas rádios. De todas as pessoas que a partir daquele dia e ao longo de mais de um ano fizeram dessas ruas o seu terreno de luta. De todas as pessoas que na ocupação de campos, casas e empresas demonstraram que a revolução não constituía uma quimera, mas sim uma prática diária. Dos patrões, caciques e bôfias que foram encostados contra a parede. E se a memória resulta de uma reflexão presente não podemos deixar de nos lembrar das nossas vidas, ou da recusa de todas as suas potencialidades.

A imposição do medo foi, e continua a ser, a arma de preferência dos poderosos. Algo amplamente demonstrado pelos acontecimentos dos últimos dias: depois do cancelamento de um concerto, fruto de calúnias produzidas por agentes da PSP junto do proprietário do local, a divulgação de novos dados sobre o caso dos 11 detidos no Largo do Carmo revela uma (velha) nova face do sistema de controlo social. Mercê da ineficiência burocrática, o processo judicial (que já é público) acabou por incluir um relatório da PSP que, com base em identificações e informações retiradas de outros processos-crime, identifica 30 pessoas não acusadas. Um facto que indicia a natureza claramente política de todo este caso.

Contudo, e uma vez que enquanto a infâmia persistir, a resistência perdurará, o 25 de Abril deste ano foi igualmente marcado pela «teimosia» de quem recusa o silêncio, bem como pela invasão dos armazéns de Chiado por parte do Mayday Lisboa. Porque esta coisa de sermos precários, de termos salários de merda, de não sabermos o que vai ser de nós, não é mais do que o resultado de derrotas acumuladas e da conseqüente usurpação de espaço e de tempo por parte de quem nos tenta dominar. Recordamos esta data não pelo que foi, mas pelo que poderá ser.

indy-zine

indy

<http://portugal.indymedia.org/>

indy-zine . 2ª série . Maio 2010

Centro de Media Independente

Publicação do Centro de Media Independente

Turim: a injustiça alimenta a revolta



A 23 de Fevereiro deste ano, a DIGOS (polícia anti-terrorista italiana) realizou uma “caça às bruxas” em toda a Itália, em particular na cidade de Turim.

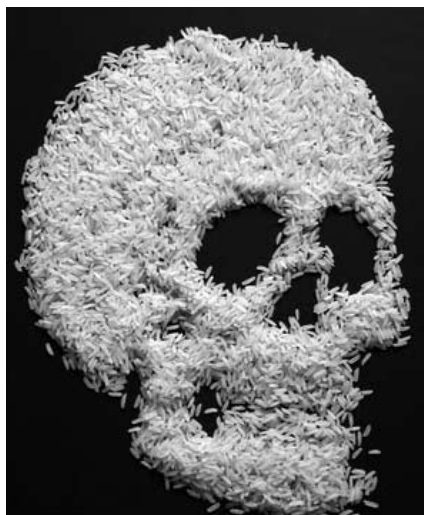
Três anarquistas foram presos e outros três encontraram-se em prisão domiciliária. A polícia apreendeu diversos tipos de materiais - computadores, telefones, panfletos, caixas de materiais, entre outros - da residência de pelo menos 23 activistas anti-racistas. A Rádio Blackout foi igualmente sujeita a rusga policial, tendo visto os seus computadores confiscados.

Todos e todas foram acusados/as de fazerem parte de uma “associação para conspiração”, alegadamente responsável (entre outras iniciativas) por uma série de acções contra centros de detenção de migrantes. As pessoas não precisam de apelos nem de frases incendiárias para se revoltarem, pelo contrário, é a injustiça que origina conflitos, que por sua vez podem conduzir a revoltas”. Como afirma um dos anarquistas acusados, em carta lida em tribunal, da qual salientamos:

“Aguardando com esperança por um qualquer passo legal que declare finalmente que os anarquistas pelo simples fato de serem anarquistas são criminosos, aqueles que hoje nos acusam são compelidos a provar que alguém, do lado de fora, levou os presos nos centros de detenção de migrantes por toda a Itália a revoltarem-se semana após semana durante os últimos dois anos, causando milhares de euros de danos e perturbando o mecanismo de expulsão. E essas mesmas pessoas têm de descobrir uma prova qualquer que seja de que este “instigador” está hoje sentado no banco dos acusados.

Esta prova não se consegue encontrar em nenhum dos mandatos de detenção que nos foram emitidos. E não se consegue encontrar porque nunca houve qualquer “instigação”, e não foi necessário nem teria sido correcto que essa instigação ocorresse. Antes de mais nada, porque as pessoas não precisam de apelos nem de frases incendiárias para se revoltarem. Pelo contrário, é a injustiça que origina conflitos, que por sua vez podem conduzir a revoltas”.

Quem quer arroz transgénico?



A Plataforma Transgénicos Fora convoca a população a manifestar-se, no dia 17 de Abril a partir das 15h na Praça do Rossio, em Lisboa, contra a proposta de introdução de arroz transgénico na União Europeia. A concentração pretende mostrar que os cidadãos portugueses não querem arroz transgénico produzido e consumido em Portugal. No Porto, a concentração será à mesma hora, na Praça da Liberdade.

Um dos objectivos da Manifesta!, no próximo sábado, é denunciar a tentativa da Bayer de introduzir em Portugal a produção de arroz transgénico para consumo humano. O Governo português ainda não tomou posição, mas se disser sim à Bayer, conforme se teme, será um pequeno passo para todo o arroz português ficar contaminado. Portugal é o país da Europa que mais come arroz per capita. Este cereal representa um pilar central na nossa alimentação e cultura gastronómica.

Os transgénicos ameaçam a nossa saúde e o meio ambiente. Contaminam outros cultivos e destroem a agricultura familiar, agravando a fome no mundo. A coexistência não é possível. Somos consumidores/as e agricultores/as e temos o direito e a responsabilidade de conhecer e decidir como e onde se produzem os nossos alimentos. Alguns dos perigos destes cultivos para o meio ambiente e para a agricultura são o aumento do uso de tóxicos

(pesticidas e herbicidas) na agricultura, a contaminação genética, a contaminação do solo, a perda de biodiversidade, o desenvolvimento de resistências em insectos ou os efeitos não desejados noutros organismos. Os efeitos sobre os ecossistemas são irreversíveis e imprevisíveis.

Os transgénicos reforçam o controlo da alimentação mundial por parte de meia dúzia de empresas multinacionais. Os países que adoptaram massivamente o cultivo de transgénicos são agora exemplos crassos de uma agricultura não sustentável. Na Argentina, por exemplo, a entrada massiva de soja transgénica exacerbou a crise da agricultura com um alarmante aumento da destruição dos seus bosques primários, o deslocamento de camponeses e trabalhadores rurais, um aumento do uso de herbicidas e uma grave substituição da produção de alimentos para consumo local.

A solução para a fome e desnutrição passa pelo desenvolvimento de tecnologias sustentáveis e justas, pelo acesso aos alimentos e emprego de técnicas de agricultura ecológicas. A indústria dos transgénicos utiliza o seu poder comercial e influencia a política para desviar os recursos financeiros que requerem as verdadeiras soluções.

A Manifesta! - que inclui banca informativa, jogos, música e um enorme arroz doce biológico para partilhar :) - integra-se num dia internacional de acção contra os transgénicos, focando-se no actual problema da tentativa de introdução de arroz transgénico em Portugal.

A Manifesta! assinala também o Dia da Luta Camponesa, em memória de 19 camponeses assassinados pela polícia brasileira, durante uma manifestação do Movimento dos Sem Terra, no 17 de Abril de 1996.

<http://www.stopogm.net>

Enfrentando o assédio moral e as suas brutais consequências



Há já cerca de treze anos que se assiste a um dos mais brutais ataques do neoliberalismo. Tanto nas empresas privadas, como nas “empresas” estatais, o controlo cerrado dos tempos de pausa e a insuportável pressão por ganhos de produtividade provocam uma completa desumanização nas relações laborais. A incerteza relativa à permanência de cada posto de trabalho, as mudanças forçadas de funções, as tensões insidiosas para que os trabalhadores se demitam ou aceitem despro-

moções, tentando fazê-los responsabilizar-se por essas novas situações, têm conduzido a um número crescente de suicídios ligados ao trabalho.

Este fenómeno que, actualmente, atinge todos os países ocidentais, iniciou-se na Bélgica, nas linhas de montagem de automóveis, e depois em França.

O facto das pessoas se suicidarem no local de trabalho é uma mensagem extremamente brutal, dirigida à comunidade, à empresa. Outras fazem-no fora do local de trabalho, depois de apresentarem queixa por assédio. Outras, ainda, depois de lutarem e de terem perdido a esperança na mudança.

Falamos de assédio moral e das suas novas e brutais consequências.

Em Portugal, cerca de 4% dos trabalhadores são vítimas de assédio no local de trabalho (ou seja, mais de 200 mil!), elevando-se essa taxa para mais do que o dobro em certos sectores como a Banca, as Telecomunicações, a Indústria Farmacêutica, ou entre os enfermeiros e os professores, mais recentemente.

Precisamos de enfrentar o assédio moral, individual e colectivamente. Perdendo o medo, solidarizando-nos. Porque é urgente derrotar o capitalismo.

O INDY-ZINE é uma publicação do colectivo CMI-Portugal. A reprodução total ou parcial das matérias aqui publicadas é permitida e recomendada, desde que seja mencionada a fonte!

Se quiseres contribuir divulgando algum acontecimento importante que não foi veiculado pela grande imprensa, envia-nos as tuas notícias. Torna-te meio de comunicação. Lê mais ou comenta, sobre estes ou outros assuntos, em:

<http://portugal.indymedia.org/>